



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Departamento de Filosofia

2º. Semestre Letivo / 2022

Curso: Estética e filosofia da arte

Professor André Luis Muniz Garcia / andreimg@unb.br

Sobre a mentira poética: reflexões sobre Homero e Platão

Tema:

É conhecida a afirmação de Sócrates no livro X da *República* de Platão segundo a qual “há uma antiga querela entre poesia e filosofia” (607b). O motivo dessa disputa é também bastante famoso: ao pensar a educação do guardião da *pólis*, no livro II, Sócrates acusa os poetas de serem “mentirosos”, portanto, incapazes de produção e comunicação do saber verdadeiro. Platão fez do tema da *mentira poética* um frutífero campo de investigação, e se ele foi relegado, ao longo do tempo, ao esquecimento, isso se deve mais ao platonismo do que a Platão (pois Platão e platonismo são coisas bem distintas). Mentira não vale apenas como contraconceito ao conceito de verdade, mentir é antes de tudo um modo de proceder da narrativa poética (desde, pelo menos, a poesia de Homero). Interpretar a função estética da *mentira* (*pseudos*) equivale a um esforço para se compreender o *estatuto narrativo da poesia*: eis o fio condutor da presente disciplina. O vínculo entre mentira e narrativa poética abrirá as portas para uma discussão pertinente ao presente curso, qual seja, o da *ficcionalidade* inerente à escrita que se assume “mentirosa”. Considerada de um ponto de vista estético, a mentira (ou o fictício) é um modo de proceder da imaginação poética que revela a potência da linguagem para liberar o significante de seu sentido denotativo, descritivo.

Objetivos:

Essa disciplina pretende explorar as origens do debate em torno da mentira poética a partir de Homero, principalmente na *Odisseia*, nos livros que narram a visita de Odisseu à corte dos feácios (cantos VI-XII). Para tanto, será feita uma elucidação dos cantos iniciais (I a V) da *Odisseia*, a fim de explicar e contextualizar o uso, por Homero, da mentira nas narrativas de Odisseu (cantos IX e XI). Em seguida, iremos analisar trechos dos livros II e III d’*A república* de Platão. Esses trechos ficaram conhecidos por apresentarem forte censura de Sócrates à poesia, mais precisamente, a Homero e a Hesíodo. Boa parte dos intérpretes (leia-se: platonismo) focou o antagonismo entre poesia (discurso mentiroso) e filosofia (discurso verdadeiro), para afirmar que Sócrates representava um modelo de pensamento que superou os impasses causados pela narrativa que assume a mentira como fundamento do saber (no caso, a poesia). Para tanto, nosso curso assumirá um ponto de partida que rejeita a (para muitos evidente) identidade entre aquilo que fala Sócrates no diálogo e aquilo que caracteriza o que pensa Platão. Aquilo que diz respeito ao “conteúdo” do diálogo pode ser bem diferente daquilo que diz respeito à sua “forma”. Seguindo essa distinção, será proposta uma aproximação entre a prosa literária de Platão (o “diálogo”) e a tradição poética de Homero (as narrativas ficcionais de Odisseu), contrariando o que é defendido pelo platonismo.

Avaliação:

Serão exigidos dois trabalhos ao longo do curso. O docente apresentará um tema e um roteiro com no mínimo duas semanas de antecedência da data de entrega. Mais informações no primeiro dia de aula.

Bibliografia

Primária:

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2008.

PLATÃO. *A república*. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Bibliografia secundária será apresentada no primeiro dia de aula